

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 12 de outubro de 1902

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

## DR. EDUARDO SALAZAR

O nosso biographado de hoje já falleceu: mas ha vultos que nunca morrem—para o coração da familia e dos amigos e dos admiradores, para a historia.

E' um d'elles o dr. Eduardo da Silva Salazar.

Nascido em Barcellos, filho d'um advogado illustre e de nomeada em todo o paiz (Dr. Balthazar Macbado da Silva Salazar), elle manifestou desde eriança o seu lidimo e diamantino caracter e o seu genio trabalhador. Formado bem novo em Direito, exerceu varios e importantes logares desde Presidente da Camara a Procurador á Junta Geral do Districto.

Advogava: e o seu nome era conhecido e respeitado aqui e por muito longe; de muito longe o vinham procurar e ouvir, partes e collegas; a todos ouvia e attendia elle com a maior affabilidade e até com uma paciencia que admirava; a todos ouvia e dirigia com uma pericia sem igual, como um verdadeiro *Vir bonus*.

Era senhor d'uma grande fortuna, uma das primeiras de Barcellos: não o envaidecia, e, vivendo bem, vivia com notavel modesta.

Ligado a uma das distinctas familias da terra —pelo seu casamento, de paixão e amor, com a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Carlota do Valle Vessadas, da illustre casa «Vessadas», em Barcellinhos—do seu consorejo deixou 5 filhinhos: eram o seu enlevo, a sua alegria, a principiar pelo seu primogonito Balthazar, que elle dizia parecer-se com o avô paterno.

Aos 55 annos d'idade, no vigor da vida, quando tudo lhe sorria, cercado dos respeitos e das admirações de todos, o Dr. Eduardo Salazar baixou á sepultura: a mão traçoira da morte agarrou-o de repente, quando ninguem o esperava.

Foi uma dolorosa surpresa para Barcellos a

morte de tão illustre cidadão: pôde dizer-se com verdade, que Barcellos se cobriu de lucto e chorou amargamente!

Morreu como viveu: era um caracter, era uma intelligencia; ora um bom. Morreu sem um inimigo!

E, quando se falla no Dr. Eduardo Salazar, o coração dos barcelenses cobre-se de lucto e amargura. Lembra e lembrará sempre tão grandioso barcellense—tão digno de figurar nos registos d'esta galeria.

*Sá Carneiro.*



Allegação Juridica por Luiz de Novaes—Um testamento irrito por falsidade e nulidades.

O dr. Luiz de Novaes é um advogado muito grande para uma terra tão pequena!

Nasceu para outro meio em que as suas poderosas faculdades encontrassem vasto campo d'acção.

Frio, — consciencioso, — sabedor, — intelligencia curuscante, viva, — chega a ser abnegação a sua *maneira*, o seu *modus* na advocacia e no notariado, de Barcellos!

O atticismo da sua fôrma litteraria é aliado a tão delicada e minuciosa observação, a tão levantada racionalidade, que tornam as suas produções suggestivas, que por via de regra são congeneremente maçadas.

A parte scientifica, perfeita, é sempre casada harmonicamente com a aesthetical

Seria crime de lesa, barcellensismo, não acudirmos celeres á gratidão patriotica de palpear a «Allegação Juridica» do dr. Luiz de Novaes, —n'uma terra tão acanhada, como mesquinha, onde em regra trabalhos de tão granle valia passam infeliz e incompensadoramente até despercebidos, como méras banalidades...

Muito seria preciso escrever para dar uma pobre ideia da nova producção do nosso distincto patricio. A vontade de que dispomos é tanta co-

mo exiguo é o tamanho d'este quizenario e a pequenez do espaço que usufruimos para entrarmos em minuciosa, paciente observação—da logica, da legalidade, da justiça que tão nitidamente se salientam na leitura de «Um testamento irrito por falsidade e nullidades.»

Ao advogado—que reúne ás qualidades de cidadão—as d'um jurisconsulto superior, vão os nossos agradecimentos e os nossos parabens.

### Notas diversas

O sympathico José Olympio, que estava veraneando na Apulia, fez uma declaração d'amor a uma dama, que começara assim: «levado por as fortes impetuosidades das galãs aventuras, do fragil destino...»

Bravo! Isto é que é dar-lhe.

—Ouvimos ha dias o nosso intimo amigo Manoel Passos, filho do considerado ourives d'esta nome, dizer muito convinto: «a psychologia uterina da mulher...»

Aqui está uma phrase capaz de arrazar castelles!

—O Antonio Portella vendo que o rio levava rasoavel cheia, exclamou admirado:

—«Isto é que é! Até parece o mar d'Espozende».

—O illustre Antonio d'Araujo, filho do importante commercian-sr. Thomaz, convidou o seu companheiro Manoel Passos para jogar o biliar; como este não quizesse, bradou -lhe enfastiado: «estás um typo muito philantropo.»

### Publicações

Recebemos e agradecemos os seguintes livros, que iremos apreciando por sua ordem e conforme o espaço nos permittir: «Carta aberta», do nosso collaborador sr. conselheiro Sá Carneiro.

«Folhas d'outono, do sr. Arthur Esmeriz.

«Exercícios de leitura», do sr. Valle, professor em Hamburgo,

«Adejos», do sr. Domingos Ferreira.

Sabemos d'um nosso amigo intimo que tem actualmente botas de borracha, polainas de borracha e capa de borracha com o respectivo capuz.

Para andar completamente emborrachado só lhe falta uma grande borracheira—o que, diga-se como homenagem ao seu bello character, elle não tem o habito de tomar.

Ha dias vimos o Joaquim Martins muito atrapalhado na loja, a correr de um para outro lado e sempre a berrar:

—Que seria feito d'ello? Valha-me Deus; não sou capaz de o encontrar, e ainda para mais, precisava sahir agora.

E era vel-o a abrir uma caixa, a levantar um papel e sempre a procurar, a procurar...

Intrigados por tanto mysterio, interrogamol-o: —Que tem você, homem? anda tão atrapalhado.

—E' que não imagina o desarranjo que isto me faz.

—Mas isto quê?

—O chapéu, o meu chapéu que não encontro. Tenho revolvido tudo e não dou com elle. E tinha de sahir n'este instante.

—Oh! homem do diabo, você tem-n'o na cabeça!

—E' verdade! exclamou elle muito admirado.

Então, desatamos ás gargalhadas de tal modo que dentro em pouco cahimos com um desmaio.

O que nos valeu foi o cheiro que vinha das trazeiras do prédio—com taes aromas rocobramos os sentidos n'um instante.

Vae-te com o Joaquim!

O Relho era lêsto do pé, como o prova o seguinte caso.

Entrava frequentemente em casa do fallecido parcho de S. João de Villa Boa, por uma gateira, e lá fazia o seu ranfo sempre de pequenas quantias, para não dar na vista ao reverendo.

«Era a sua burra», dizia o celebre gatuno.

Uma occasião de noite encontrava-se o padre—que era um velho tropego—em oração e Relho, apesar d'isso, deu ingresso no recinto em que elle se achava, fez o seu pilarrau... e n'esta altura ficou comprometido porque o ecclesiastico notou que estava acompanhado, vendo na parede caíada a sombra do gabirú...

Vira-se para um lado, e Relho furtalhe—como se costuma dizer—as voltas; vira-se para o outro e... o mesmo.

Pegou no candieiro, deu busca á casa. E Relho atraz do abbade e sem que este o presentisse, conseguiu escapar-se pela gateira para a almejada liberdade.

### THEATRO

Dizem-nos que temos quinta ou sexta-feira espectáculo no nosso theatro, indo á scena o «Avarento», de Molière. Tem n'elle Ferreira da Silva, o grande actor uma interpretação soberba.



## A LAGRIMA

BARCELLOS HA 55 ANOS

XVL

Todos sabem, que, apoz a revolução da Maria da Fonte em 1846, seguiu-se a guerra civil de 1847.

As casas mais alvejadas n'esta villa pelos revoltosos foram as de Joaquim Antonio Paes de Villas-boas, chefe do partido do governo da Rainha; de João Joaquim Pereira, secretario da administração do concelho e a de Antonio José dos Santos Figueiredo, recebedor da comarca. Todos estes cavalheiros houveram de homisiar-se, e só appareceram no fim da guerra da patoleia.

Em antes de se organisarem as divisões do Duque de Saldanha, Barão do Casal, Conde das Antas etc, veio a esta villa a ala esquerda do regimento de infantaria 16, de Lisboa, por parte do governo da Rainha a fim de manter a ordem e conservar em os seus postos as auctoridades de confiança do governo. Pouco tempo depois de recolher a Lisboa a força do 16, veio aqui o regimento de infantaria 7 por parte da Junta do Porto para depôr as auctoridades governamentais, e manter as que haviam sido nomeadas pela Junta revolucionaria.

Vinha com o 7 um typo meio idiota, que cantava umas trovas populares, e sempre rodoendo de rapazio em barda e de partidarios da patoleia.

Eram assim:

O' moreirinha do adro, Luizinha!  
Deita pr'a cá uma amóra  
Agora... agora... agora  
Luizinha... agora!

Viva o regimento sete, Luizinha!  
Rapaz sustenta o teu brio;  
Agora, agora, agora  
Luizinha... agora!

Veio cá o dezesseis, ó Luizinha!  
Ao longe metteu fastio.  
Agora, agora, agora  
Luizinha... agora!

Depois que se retirou o regimento 7, e emquanto darou a guerra civil, os apaixonados pela Junta do Porto cantavam, por aqui, para *arreliar* os do partido do governo, ao trovas do idiota; e a—*Luizinha agora, agora*—deixou-se ouvir ahí de noite e de dia pelas ruas e pelos largos da villa em berreiros ensurdecidores, mórmente quando chegavam noticias da guerra adversas á causa do governo de Lisboa.

Em uma d'essas occasiões, e pelo tempo das cegadas do centeio, quando as noticias foram de grande desalento para os partidarios do go-

verno, passou pelo antigo e eminente organista José Antonio do Amaral, que aparentava de ecletico, mas que era apaixonado no fundo pelos politicos do governo de Lisboa, o dr. Luiz Martins Villaça, um dos chefes mais salientes dos patoleias, que, indo para uma cegada de centeio, que trazia na cerca do convento da Franqueira, lhe disse: O' Amaral! Você não me arranja ahí uma porção de beija para a minha cegada na Franqueira!

Pois assim que terminou a guerra, e voltaram a Barcellos os homisados e fugitivos, alguns dos quaes acompanharam a divisão do Barão do Casal, e tomaram armas, sendo ainda um vivo o meu antigo e dilecto amigo Manuel Francisco da Silva, organisou-se uma serenata em que tomaram parte dous, dos que militaram com o Barão do Casal—Miguel Florido de Carvalho, 1.º violino, e Antonio José dos Santos Roda, 1.º fagle.

Tocavam-se apenas dous numeros de musica; um era um hymno ao triumpho pela causa do governo e outro era uma cantata de um effeito extraordinario, denominada—*A Luizinha*. A musica era do José do Amaral e a letra do Dr. José Maria Paes de Villas boas.

*A Luizinha* foi a melhor coisa, que José do Amaral compôz em toda a sua vida; nada mais *arreliante* nem mais suggestivo do que—*A Luizinha*.

Ahi vão algumas quadras, que ainda me lembram, da—*Luizinha*.

«Pobre Maria da Fonte  
Coitadinha! Metes dó!  
Fugiram-te os patoleias,  
Deixaram-te ficar só!

### Côro

Ai!!! Lá vae a Maria da Fonte,  
Patoleias! E agora?!  
Já não ha por'í quem diga:  
Luizinha, agora, agora!!!...

«Chora Luizinha, choral  
Lá vae Maria da Fonte!  
Foi levar beija a Sam Paio  
Para a cegada no Montell!

Ai!!! Lá vae a Maria da Fonte  
Patoleias! E agora?!  
Já não ha, por'í, quem diga  
Luizinha, agora, agora!

Este— Ai—! do côro, era solto em *tutti* pela multidão, que seguia a serenata acompanhada por foguetes estrondeantes; no fim do côro terminava a musica por uma *côda* em calhandra, conchas, pandeiros, ferrinhos, castanho-

## A LAGRIMA

las, o diabo!! O bom do Padre José Villas, saudoso amigo, rapaz ainda, tocava conchas; e eu, um *peliz*, tocava ferrinhos!! Ainda tenho a violeta, que tocou n'essa serenata!

Dizia, o então juiz de direito da comarca—Manuel Francisco Pereira de Souza patoleia de todos os costados, que nunca, na sua vida, ouvira nada, que mais *ferro* lhe cauzasse, do que —A *Luizinha*.

Ainda hoje escreveria a musica da Luizinha, que me ficou lithographada na memoria; foi por este tempo, ha 55 annos!!

*Archeologo.*

### POETAS...

Todos os dias o nosso mercado litterario está sendo invadido por uma consideravel quantidade de livros de versos, que, na opinião dos seus auctores, são outros tantos documentos a passar estes plumitivos illustres para a immortalidade com o *encantador sobrenome* de poetas maviosos.

E' preciso, comtudo, que se saiba, que não se pode considerar poeta na sublime acepção d'esta palavra, todo aquelle que sabe fazer versos—é preciso ter-se qualquer coisa de alado e espirital que nem nós podemos explicar bem, nem com certeza, a maioria dos nossos leitores seria capaz de nos perceber.

Citaremos, apenas como exemplo, que ainda ha pouco tempo um brillante espirito e uma intelligencia lucida que se chama João Chagas, apreciando nas columnas do «Janceiro» o drama «Crucificados», de Julio Dantas, dizia que este talentoso escriptor não obstante ter feito muitos versos e muito bons não era um poeta.

Recorda-nos, tambem, para confirmar o que dizemos, um homem illustre (cremos que Luciano Cordeiro), dizer um dia n'um dos seus bellos livros de critica que Thomaz Ribeiro, — esse fino burilador d'«A Judia» nunca foi poeta.

Isto basta; pois esses abundantes productores de versos, a que nos referimos, comparados com aquelles dois extraordinarios talentos —Julio Dantas e Thomaz Ribeiro—não passarão d'uma ignorante turba-multa de pygmeus mesquinhos.

Ha muita gente, no emtanto, que sem ser poeta, faz versos regulares, porque tem a facilidade de encontrar, com gosto, rimas para qualquer palavra.

E' um merecimento identico ao que certos musicos tem de tocar qualquer peça de ouvido.

Assim, os versos a que nos referimos. Os seus auctores sabem formar um encadeado de palavras, que, embora sem sentimento e varias de ideias, nos soam agradavelmente. D'aqui,

nasce o erro de muitas vezes se attribuir qualidades poeticas a quem só possui... tendencias musicas.

Mas, ao menos, quando elles possuem estas tendencias, já andam com muita sorte. Dalguns sabemos nós, que, sem arte nem intelligencia, se nos apresentam a conquistar muito seriamente a conhecida corôa de louros—semelhante á que adornou o genial cerebro de Camões.

.....  
Escrevem estas linhas ao correr da penna, muito desprezenciosamente, sob a pessima impressão que nos produziu a leitura d'um desses livros de versos, onde não ha talento, nem arte!

Uma miserial

*Alguem*

### A' Camara

Creio que foi o sr. dr. Manuel Paes que nos disse da relutancia d'alguns habitantes de Barcellos em receberem o melhoramento da arborisação e do meio de propaganda que precisou activar—primeiro—pelos centros da cavaqueira, d'então, para lutar contra a *reagencia*, tal qual como os sacerdotes têm no habito fazer com alguns christãos para receberem os ultimos Sacramentos.

E' já atavicamente improgressivo o barcellense—com as devidas excepções—a respeito da arvore...

E porisso não raro vemos que até pela sancção das Camaras se tem feito córtes espantosos d'alas d'arvoredo!

Ainda mesmo está vivo quem—para não fugir ás tendencias do nosso habitante—fazia, em noitadas miseraveis, os cortes das arvores que povoavam o Campo da Feira, arrancava os remates das columnas do adro dos Terceiros e deslocava ados sítios os urinoes (para o que se tornou preciso gatear alguns). Esse *inimigo*, porém, está embotado pelo alcool e não ha que temel-o!

Urge deveras reagir com tenacidade, fazendo novas plantações e corrigindo algumas falhas que se notam, nomeadamente nas alas que ornão o macadam que ~~com~~ o Campo da Feira.

O lago do Jardim precisa, tambem, ser inutilizado e substituido, pois que não é mais do que uma succursal da lagôa das Necessidades, com a esverdeinhada agua habitada do rã.

Pertence ao pelouro do nosso amigo Luiz Ferraz tão importante assumpto e isso é garantia bastante para a realidade da nossa lembrança.

Cá nos tem a uma perna, não o largando nós enquanto não virmos praticados esses melhoramentos.

Avante!